

# AS AMAZONAS: um mito e algumas hipóteses

Luiz MOTT \*

Três são os principais objetivos deste ensaio:

- 1º) Demonstrar que muitos séculos antes da descoberta do Rio das Amazonas, no Velho Mundo já se tinha notícia histórica ou lendária da existência de diversos bandos de mulheres guerreiras, constituindo tema privilegiado de inúmeras obras de arte e assunto literário;
- 2) Analisar as crônicas e depoimentos dos primeiros viajantes que noticiaram a presença das amazonas no Novo Mundo;
- 3) Correlacionar a existência de mulheres guerreiras entre as tribos ameríndias com a questão da orientação sexual e a inversão de gênero, confrontando tal realidade com o mito amazônico.

## 1. As Amazonas na História

*"Enquanto alguns consideram as Amazonas como um povo puramente mítico, outros defendem um fundamento histórico para elas." (Encyclopaedia Briian-nica, 1768:737)*

Pesquisando o verbete Amazonas numa dezena de dicionários e enciclopédias antigas e contemporâneas, encontramos informações bastante controversas sobre a origem e costumes destas curiosas mulheres. Sintetizando: constituíam as Amazonas um povo formado apenas de mulheres guerreiras, que aparecem citadas em grande numero de mitologias da antiga Grécia e de alguns povos vizinhos. Seriam originárias do Cáucaso, tendo atravessado as ilhas do mar Negro e Egeu até chegar na Beócia e Ática, fixando-se no Termidon (Capadócia), junto ao Ponto de Euxino, no mar Negro, próximo a cidade de Iris, onde estabeleceram como capital a cidade de Themiscyra, dando o nome de Amazonicus ao monte mais elevado desta região, e Amazonium a segunda cidade de seu território.

Foi Heródoto (século V a.C.) quem primeiro narrou o mito dessa tribo guerreira, no Livro IV de sua História: aí diz que tais mulheres apenas uma vez por ano convidavam os gargarenos, povo vizinho, para terem com elas relações sexuais, cuidando, assim, de manter viva sua tribo e conservando tão-somente as meninas nascidas dessas uniões efêmeras. Virgílio, por seu turno (século I a.C), na Eneida, repete mutatis mutandis a mesma versão (Livro 1:490). Também à elas se referem, sem outras novidades, Pausânias, Homero, Plutarco, Aristófanes, entre outros. Estrabão, na sua Geografia (Livro XI: 503), diz que tais viragos tinham por costume matar seus filhos varões, enquanto outros autores antigos defendem que tais meninos recém-nascidos eram devolvidos a seus progenitores, conservando-se na tribo apenas as fêmeas. Os próprios gregos consi-

---

\* Professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia  
LPH / Revista de História, 1:13-35,1990

deravam-nas "bárbaras", embora certas de suas mitologias atribuam progenitora das mulheres guerreiras ao deus da guerra, Ares, e a deusa Harmonia.<sup>2</sup>

Outras versões apontam diversa origem para as famigeradas mulheres combatentes: seriam as primeiras Amazonas descendentes diretas do rei Nino, fundador do Império Assírio, cujos homens foram exterminados pelos povos circunvizinhos que se conjuraram contra os opressores e cujas mulheres-viúvas, para se vingarem e se defenderem, organizaram um novo Estado. Elegeram, então, uma rainha, renunciaram ao matrimônio, suprimiram os homens restantes e adquiriram hábitos belicosos. Tornaram-se, então, grandes guerreiras, conquistando a Circasia e a Cirméia, fazendo tributárias a Ibéria, Cálquida e Albânia, até que foram exterminadas por Hércules.<sup>3</sup>

Heródoto, de fato, defende que as Amazonas chegaram a ocupar grande parte da Ásia Menor, apoderando-se, inclusive, de Efeso e Pafos, invadindo depois o Egito, Arábia e Síria. Outros autores, entretanto, dão explicação diversa: teriam sido elas próprias as fundadoras de Esmirna, Cirméia, Éfeso, Pafos, Mirina e, inclusive, de Mitilene, a famosa ilha onde viveu Safo de Lesbos (século VI a.C). Não deixa de ser sintomático que as descendentes das guerreiras Amazonas tenham-se tornado, a partir de então, as "inventoras" do lesbianismo...<sup>4</sup>

Reza a tradição que muitas guerras foram empreendidas pelos gregos a fim de destruir essa nação de viragos, que tinha como captoas valentes rainhas. Dentre elas destacam-se Hipólita, Antíope, Pentésiléia, Talestri, Esfiona, Menolipa e Tomithys. Sobre a rainha Pentésiléia e sua amante Camila, ate romances já foram escritos, como a novela *The Green Scamander*, onde é descrita curiosa cerimônia em louvor da deusa-mãe Cibele.

Entre os principais feitos marciais das Amazonas, conforme registram diversas mitologias, constam ainda a invasão da Lícia, rechaçada por Belerofonte, e a conquista da Frígia, batalhas onde não faltaram os indomáveis Pegasus, na luta contra as invasoras. Famoso ficou o episódio da luta de Hércules com Hipólita, uma das mais musculosas rainhas amazônicas, quando o herói ar-rebatou-lhe o cinto de guerreira, deixando-a morta no campo de batalha. Tal façanha é o oitavo trabalho probatório do truculento filho de Zeus. Algumas versões desse mito dizem que se tratava do cinto de castidade de Hipólita, sugerindo que Hércules ser-lhe-ia devedor de sua honra, enquanto outras mitologias falam que o cinto fora um presente de seu pai Ares.

Alguns importantes personagens da mitologia helênica tiveram diferentes envolve-mentos com essas indômitas combatentes: quando sitiaram Atenas, a fim de salvar a Rainha Antílope, irmã de Hipólita, foi Teseu quem as enfrentou, desbaratando o mulhero na ponte do Termo-donte, fazendo de Antiope sua mulher e dessa união nasceu Hipólito, o protagonista da tragédia de Eurípides (século V a.C). Outra rainha das Amazonas teria terminado seus dias sob o gládio de um generalíssimo helênico: Pentésiléia foi morta por Aquiles quando ia prestar socorro à população de Tróia, embora o herói da Odisséia tenha chorado perante a beleza da defunta guerreira.

Talvez a última referência as Amazonas na mitologia grega seja aquela relacionada à sua frustrada expedição a ilha de Leuce, no Ponto Euxino, onde a sombra de Aquiles lhes provocou tanto terror que, em pânico, debandaram do campo de batalha. Após esse fato, elas só tornam a

aparecer por volta do século IV antes de nossa era, quando a Rainha Talestris ter-se-ia encontrado com Alexandre Magno - provavelmente aproveitando-se de um momento de folga do esbelto Hefestion.<sup>6</sup> Também Pompeu (século I a.C.) tê-las-ia enfrentado quando batalhava ao lado do exército de Mitridate, rei do Ponto. Pelo que informam tais fontes, apenas uma Amazona teria saído vitoriosa num combate com um rei: Tomíris, rainha da Cítia (Ásia Menor), que, segundo a lenda, teria matado o soberano persa Ciro.<sup>7</sup>

"As Amazonas em Batalha" foi um dos temas prediletos da arte grega<sup>8</sup>: elas aparecem freqüentemente em pinturas de vasos, baixos-relevos, estatuas, frisas de templos, etc. A pintura mais célebre, em afresco, atribuída a Micon encontrava-se no Templo de Teseu, em Atenas. Igualmente reputadíssimo é o afresco de Panainos, com a mesma temática, que dava a volta do trono de Júpiter, no Olímpio. Hoje a estátua mais famosa de uma Amazona encontra-se no Vaticano, atribuída ora a Fídias, ora a Policleto, reproduzindo a original que existiu no Templo de Artemis. Outras Amazonas célebres podem ser apreciadas nos museus de Berlim, no Capitólio, e no Louvre. Em Roma ficou famosa na história das artes a amante predileta do Imperador Cômodo, Márcia, chamada de "Amazona Romana", por ter sido pintada em trajes guerreiros. Célebres também foram os baixos-relevos do mausoléu de Halicarnasse, no citado Templo de Artemis, em Magnésia. Desde o século IV a.C. elas aparecem pintadas nos sarcófagos etruscos, quer pedestres, quer montadas, mas sempre guerreando.

"A Batalha das Amazonas", de Rubens (1619), no Museu de Munique, é a representação moderna mais deslumbrante das guerreiras caucasianas: representa a derrota dessas milicianas bárbaras na citada Ponte do Termidor. Neste quadro as Amazonas foram representadas com seios ultravolumosos, bem ao gosto do neoclassicismo holandês, embora em desacordo com a tradição iconográfica.

Data dos tempos homéricos a interpretação etimológica do termo Amazona: "A" = prefixo negativo + "MAZOS" = peito, mama, portanto Amazona significaria "sem peito". Defenderam alguns que essas guerreiras, para melhor manejar as armas, especialmente o arco e flecha, extirpavam um dos seios. O nosso Padre Antônio Vieira é um dos que apostava na amputação da mama direita: "As antigas Amazonas, cujas armas eram arco e aljava, para poderem atirar mais forte e mais expeditamente as suas setas, cortavam os peitos direitos."<sup>10</sup> Por sua vez, o autor do *Dictionnaire Historique des Personnages Célebres*, F. Noel (1824), dizia que, em vez da cirurgia, as Amazonas queimavam a mama com ferro em brasa, afirmando que o sacrificado era o peito esquerdo. Seguindo essa ilação, ainda hoje a Medicina utiliza o termo amazona como sinônimo de "mulher sem peito". Para outros autores, entretanto, na sua origem, o étimo amazona significava exatamente o contrário: mulheres com seios turgentes, daí sua relação com a deusa Artêmis de Éfeso, a quem elas renderam culto, chegando, inclusive, a serem apontadas como suas sacerdotisas. Os seios das Amazonas simbolizariam, então, os mil seios das nuvens, donde brota a água que rega e fertiliza a terra, cuja criadora suprema foi Artemis. Que somente mulheres "de muito peito" conseguiriam sair vitoriosas de tantas guerras, não há como negar!

Há, ainda, quem defendeu ser a palavra amazonas oriunda da própria língua dos indígenas do rio Maranhão, que o chamavam de Amassone, isto é, "destruidor de canoas", ou de

Amassunu, "água que retumba". Esta asserção é questionada por outros estudiosos, ao afirmar que os autóctones chamavam ao mesmo rio de Paraná-Guaçu, isto é, "rio grande".<sup>11</sup>

Pelo visto, as viragos guerreiras povoavam a imaginação dos europeus, sobretudo depois que os ameríndios foram incorporados a mitologia ocidental, sendo tema não só dos prega do católicos, mas, inclusive, da Igreja Anglicana, servindo de mau exemplo para as virtuosas mulheres cristãs. Em 1765, o Pastor James Fordyce, no *Sermons to Young Women* dizia: "To the men, an Amazon never fails to be forbidding...", desestimulando, portanto, que fossem tomadas como modelo de conduta para as contritas filhas de Eva.

Se de fato essas guerreiras varonis amputavam um dos seios, como explicar serem sempre representadas com os dois, nas múltiplas obras de arte desde a antiguidade? E, sobretudo com base nesses argumentos que se baseiam os questionadores da antiga explicação etimológica, afirmando ser ela apócrifa e popularesca, embora divulgada desde os tempos da Grécia Antiga. Nas tais pinturas ou estatuas, as Amazonas aparecem geralmente vestidas "a asiática", com meia túnica acinturada, um dos peitos sempre a mostra, o outro perceptível debaixo das vestes, tendo nas mãos ora um arco e flecha, ora uma machadinha de dois gumes, e, nas costas, a aljava (bolsa onde se guardam as setas), de que falava o Padre Vieira, além de um elmo geralmente colocado aos pés. Esta machadinha tornou-se, nas últimas décadas, um dos símbolos preferidos do Movimento Lésbico da Europa e Estados Unidos, sendo reproduzida em metal precioso como pendente ou brinco das defensoras do amor sáfico.<sup>12</sup>

Hoje em dia, na maior parte dos dicionários consultados, amazona aparece referida como sinônimo de mulher que monta cavalo, ou a indumentária peculiar usada pelas cavaleiras: saia longa com colete ou casaquinho abotoado na frente. "Montar a amazona" equivale a sentar-se no selim da montaria conservando as duas pernas do mesmo lado do animal. Alguns léxicos dão ainda como sinônimo de amazona uma espécie de papagaio do Norte do Brasil, as plumas do avestruz e a malabarista equestre dos circos, além de mulher viril, de Íntimo varonil, corajosa, que se distingue por alguma heroicidade, como as heroínas Jeanne Dare e Jeanne Hachette. Racine, Voltaire e o nosso Joaquim Manuel de Macedo e Antonio Feliciano de Castilho, entre outros, referem-se em suas obras as mulheres de machadinha.

Além dessas militares caucasianas e assírias, registra ainda a tradição a existência de Amazonas na África do Norte, como as que comandavam a rainha Mirina, cujo reino tinha capital situada nas bordas do Lago Tristão. Tais Amazonas chegaram a entrar pela Ásia até os cumes do Taurus e margens do rio Caicres, sendo então derrotadas pelos gorgões, comandados por Hércules, tendo antes, porém, conquistado os númidas e etíopes. Registra ainda a história que no século VIII, na Boemia, sob o comando da rainha Vastla, grande número de mulheres organizaram uma corpo-ração militar e uma sociedade civil, construindo fortes e uma cidadela inexpugnável. Mantiveram oito anos de guerra contra o duque Pizemylas, tornando escravos todos os homens que lhes caíam prisioneiros. Esse reinado, porém, teve vida efêmera.

As últimas Amazonas registradas pela história viveram na África Ocidental, no antigo reino do Daomé, tendo existido um batalhão delas até 1894, quando os franceses ocuparam o país. Segundo o principal estudioso dessa região, M. Herskovitz, elas chegaram a formar quatro

batalhões com mais ou menos 150 mil arcos. Eram recrutadas entre as mulheres mais fortes e musculosas do Reino, e que pela falta de atributos femininos, embora fossem consideradas esposas do Rei, eram destinadas as lides guerreiras. Exigia-se que se mantivessem virgens, sendo severamente punidas as que engravidassem, e punidos com a morte seus cúmplices. Eram chamadas akhosusi. Alguns viajantes do século XIX, como F. Forbes (1849), J. Keitchly (1874) e, sobretudo, R. Burton (1893), fornecem curiosos detalhes sobre a aparência, costumes e organização desse exército de Amazonas negras. Forbes chegou a registrar o discurso de uma das chefas desses batalhões: "Como um ferreiro transforma com o fogo uma barra de ferro, assim também transformamos nossa natureza: não somos mais mulheres: nós somos homens!"<sup>13</sup>

## 2. Cunhapuiara: as Amazonas do Novo Mundo

*"A Amazona belicosa de aljava pendente ao lado, aponta com o arco Invicto, o lindo peito cortado."*  
(A. F. Castilho, 1861:85)

Salvo erro, quem primeiro se referiu as mulheres guerreiras da região amazônica foi o dominicano Frei Gaspar de Carvajal, que percorreu o caudaloso rio desde a cordilheira dos Andes até o Atlântico, entre os anos de 1540-1542, acompanhando a expedição pioneira do Capitão Francisco de Orellana. Sua descrição do encontro com essas estranhas criaturas esta reproduzida em várias obras, sendo a partir dela que muitos autores se basearam para defender a existência das famosas viragos. <sup>14</sup> Como se sabe, foi Orellana quem batizou esse rio-mar de Amazonas, também conhecido por rio Marañon

Já em Quito, de onde partiu essa expedição, diz aquele sacerdote que "nos haviam contado a respeito das guerreiras, a quem os índios chamavam de coniuquiara, que quer dizer "grandes senhoras". Ali falavam muito nessas mulheres, e para vê-las vem muitos índios até 1.400 léguas rio-abaixo. Assim nos diziam lá em cima, que quem tivesse de descer a terra destas mulheres, tinha de ir rapaz e voltar velho. Diziam mais que a terra é fria e que há pouca lenha, sendo muito abundante em todas as comidas." <sup>15</sup>

Encontramos evidências de que a fama de tais mulheres guerreiras se espalhava por toda a América do Sul, tanto que já em 1535, quando Diego D'Almagro conquistou o Chile, os índios dessa região meridional lhe informaram que, acima de dois grandes rios, havia uma vasta província habitada só por mulheres, cuja rainha era chamada Gauboymilla, que na língua do país quer dizer "céu de ouro", representando o muito metal precioso que lá era produzido pela natureza. Tais mulheres eram famosas também por fabricarem tecidos de uma riqueza maravilhosa. <sup>16</sup>

Até no Brasil, no sertão da Bahia, já antes do ano de 1587, os índios Ubirajara, "cujo nome significa Senhores dos Paus, gente muito bárbara que não nunca viram gente branca, nem tem dela notícia", disseram que "sempre tem guerra com umas mulheres que dizem ter uma só teta, que pelejam com arco e flecha, e se governam e regem sem seus maridos, como se diz das Amazonas". O autor desse relato é Gabriel Soares de Souza, que, como bom etnógrafo, completa: "Não podemos alcançar mais informações nem da vida e costumes destas mulheres"<sup>17</sup> Salvo erro,

foi este autor quem primeiro no Brasil se referiu ao mito da extirpação do seio das guerreiras americanas. Um pouco antes, em 1576, Pero de Magalhães Gandavo, chamava ao grande rio Marañon pelo seu segundo nome de batismo, rio das Amazonas, comprovando a divulgação deste mito, já naquela época, também no Nordeste brasileiro. No extremo sul da Bahia, diz Frei Agostinho de Santa Maria que os gentios de Ilhéus, pelos finais de nosso primeiro século, viram certa feita "uma mulher branca, montada num cavalo, que derrotava a todos a que ela se opusesse". Imediatamente os missionários jesuítas interpretaram tal visão como desígnio celestial, mudando o nome da padroeira local de Nossa Senhora das Neves para Nossa Senhora da Vitória. Essa misteriosa cavaleira branca faz-nos lembrar não só das famigeradas guerreiras equestres da antiguidade clássica, como também das "Valquírias", da mitologia escandinava e germânica, que, animadas de imbatível espírito guerreiro, planavam miraculosamente por sobre os campos de batalha, escolhendo, a seu bel-prazer, os vitoriosos e aqueles que deviam morrer. Seus nomes evocavam elementos marciais, como Coragem, Triunfo, Derrota, Escravidão, Vitória-exatamente como alguns títulos que os católicos deram a Virgem Santíssima: Perpetuo Socorro, das Gramas, Vitória, da Ajuda, Auxiliadora, etc.<sup>18</sup>

No século seguinte, por volta de 1639, o jesuíta Cristóbal de Acuna informava que, no vice-reino de Nova Granada (Colômbia), na cidade Patos, encontrou alguns silvícolas "e particularmente uma índia que disse ter ela própria estado nas terras povoadas pelas mulheres guerreiras". E conclui o inaciano com uma declaração de princípios: "Só lanço, o mão do que ouvi com os meus ouvidos e com cuidado averigüei desde que pusemos pé no dito rio, no qual não há geralmente coisa mais comum e que ninguém ignora que se dizer que nele habitam estas mulheres, dando sinais tão particulares que concordando todas as suas informações, umas com as outras, não é crível que uma mentira se pudesse ter enraizado em tantas línguas e tantas nações, com tantos visos de verdade".<sup>19</sup>

No século XVIII, a vez do Monsieur de la Condamine dar seu depoimento, confirmando a universalidade da crença nas Amazonas em toda extensão do interminável "inferno verde": "Ao longo de minha navegação não cessava de perguntar aos índios de diversas nações, se tinham algum conhecimento das mulheres belicosas de cujo nome o rio tirou seu nome. Tal tradição é universalmente espalhada em todas as nações que habitam as margens do rio Amazonas, até 150 léguas distante, pelo interior até Caiena. Sempre indicam para o mesmo lugar como sendo suas aldeias e sempre em suas línguas chamam-nas pelo mesmo nome: mulheres sem marido ou mulheres excelentes." E conclui afirmando que, de fato, tais guerreiras tiveram existência real, mas em 1743, apenas sua lembrança permanecia na memória dos autóctones.

Os naturalistas Spix e Martius em sua excursão pela hiléia amazônica, pelos anos 1817-1820, após exaustivas perguntas a um sem número de informantes locais, como bons racionalistas do século XIX, concluem que as coniupeiras não passavam de imaginação mitológica: "As lendas das Amazonas, de homens sem cabeça, a e com a cara no peito, ou de outros que tem terceiro pé no peito e possuem caudas, resultado do conúbio de índias com macacos coatás, etc., são idênticos produtos da fantasia dos índios. A firme crença com que os índios contam tais lendas, é uma das feições do seu caráter, e o viajante neste país deve ficar prevenido disto, para descontar a parte da

imaginação nos fatos maravilhosos que ouviu da boca dos Peles Vermelhas." 21 Especificamente quanto as Amazonas, eis o testemunho de von Martius: "Pelo geral interesse que o assunto desperta, confie o leitor na declaração de que nós, Dr. Spix e eu, não poupamos trabalhos para obter alguma luz ou certeza sobre o caso. Entretanto, não avistamos em parte alguma uma Amazona, nem ouvimos de pessoa fidedigna de origem européia, que de longe se referisse a essa tradição fabulosa."

Do Chile ao sertão do sul da Bahia, de Quito a Colômbia, ao longo dos incontáveis afluentes do caudaloso rio-mar, chegando à capital da Guiana Francesa e pelo interior do Amazonas até quase mil quilômetros mata adentro, isto desde 1535 até o século passado, era voz corrente, entre as populares indígenas e amestizadas, que as mulheres guerreiras realmente existiam. Como disse o citado jesuíta Acuna: "Se elas não existiram, foi preciso que a maior das mentiras do Novo Mundo se passe pela mais constante de todas as verdades históricas (...)" e, nos completaríamos, o mesmo aconteceu universalmente com a história de Deus, que ninguém nunca viu, e tantos falam nele!

Pois bem: já que, segundo os primeiros cronistas da região setentrional da América do Sul, os nativos testemunhavam ter visto ou, em sua maioria, ouvido falar das tais guerreiras, o que contavam a respeito delas? Quem eram, como viviam, onde habitavam exatamente? Entreguemos a palavra aos cronistas.

O relato mais minucioso além de pioneiro é a Relação que escreveu Frei Gaspar de Carvajal, em 1540-1542. Devido a sua pouca divulgação e ao interesse de seu conteúdo na cristalização do mito amazônico, merece ser transcrito integralmente. Diz o frade pregador que os espanhóis, ao enfrentarem acirrada resistência de um bando de índios na foz do rio Jacundá, aí encontraram-se face a face com tais belicosas mulheres: "Quero que saibam qual o motivo de se defenderem os índios de tal maneira: são súditos e tributários das Amazonas, e conhecidos a nossa vinda, foram pedir-lhes socorro e vieram 10 ou 12 delas. Aí perguntou o Capitão Orellana: Que mulheres eram aquelas que tinham vindo ajudá-los a fazer-nos guerra. Disse o índio que eram umas mulheres que residiam no interior, a umas sete léguas de Jornada da costa, e por seu senhor Couynco, seu súdito, tinham vindo guardar a costa. Perguntou o Capitão se estas mulheres eram casadas, e o índio disse que não. Perguntou o Capitão de que modo vivem. Respondeu o índio que vivia no interior, e que ele tinha lá estado muitas vezes e visto o seu trato e residências, pois como seu vassalo, ia levar o tributo, quando o senhor o mandava. Perguntou o Capitão se estas mulheres eram muitas. Disse o índio que sim, e que ele sabia, pelo nome, setenta aldeias, e os contou diante dos que aí estava, e que em algumas havia estado. Perguntou o Capitão se estas aldeias eram de palha. Disse o índio que não, mas de pedra e com portas, e que de uma aldeia a outra iam caminhos cercados de um e outro lado e de distância em distância, com guardas, para que não possa entrar ninguém sem pagar direitos. Perguntou-lhe o Capitão se estas mulheres pariam. Disse o índio que sim. Perguntou o Capitão como, não sendo casadas, nem residindo homens com elas emprenhavam. Ele disse que estas índias coabitavam com índios de tempos em tempos, e quando lhes vem aquele desejo, juntam grande porção de gente de guerra e vão fazer guerra a um grande senhor que reside e tem a sua terra junto a destas mulheres, e a força, a os trazem as suas terras e os tem consigo o tempo

que lhes agrada, e depois quando vem o tempo de parir, se tem filho o matam e o mandam ao pai; se é filha, a criam com grandes solenidades e a educam nas coisas de guerra. Disse mais, que entre todas estas mulheres há uma senhora que domina e tem todas as demais debaixo de sua mão e jurisdição, a qual senhora se chama Conhori. 22

O Padre Acuna, quase um século depois desse primeiro relato, fornece outros detalhes sobre a maneira como eram realizadas as uniões carnais dessas viragos com os genitores de suas filhas: "Onde mais luz obtive do sítio onde vivem estas mulheres, dos seus costumes, dos índios que tem relação com elas, dos caminhos pelos quais se penetra em suas terras e dos naturais que os povoam, foi na última aldeia onde acaba a província dos Tupinambás. A 36 léguas desta aldeia, correndo rio abaixo, esta da banda norte, o rio das Amazonas, que com o nome de rio Canuris é conhecido entre aqueles naturais. Toma este rio o nome dos primeiros índios que sustenta em sua foz, aos quais se seguem os Aponto, que falam a língua geral de todo o Brasil. Atrás destes estão situados os Taguaí, e os últimos, que são os que tem relações com as próprias Amazonas, são os Gacará. Estas mulheres varonis tem sua sede entre grandes montes e altíssimos cerros, dos quais o que mais se alteia entre os outros, e que, como o mais soberbo, e combatido dos ventos com mais rigor, pelo que sempre se mostra descalvado e limpo de vegetação, se chama Yacamiaba. São elas mulheres de grande coragem, e que sempre se conservaram sem o comércio ordinário de varões, e mesmo quando estes, pelo acordo que tem com elas, vem uma vez por ano as suas terras, recebem-nos com as armas nas mãos, que são arco e flechas, que atiram durante algum tempo, até que cientes de que vem de paz os conhecidos, deixando as armas, acodem todas as canoas ou embarcações dos hóspedes, e tomando cada qual a rede que encontra mais a mão, que são as camas em que eles dormem, a levam para casa, e pendurando-a em sitio onde o dono a reconheça, o recebem por hóspede aqueles poucos dias, passados os quais eles voltam para as suas terras, repetindo-se todos os anos esta viagem pela mesma época. As filhas fêmeas que nascem desta união, conservam e criam entre elas, porque são as que hão de levar adiante o valor e costumes de sua nação, mas os filhos varões não se sabe com certeza o que fazem com eles. Um índio que, sendo pequeno, tinha ido com seu pai a esta entrada, afirmou que os filhos varões eram entregues aos pais, quando no ano seguinte voltavam a suas terras. Mas contam os outros, e parece o mais certo por ser mais corrente, que os reconhecendo como tais lhes tiram a vida. O tempo descobrira a verdade, e se estas são as famosas Amazonas dos historiadores, que guardam em sua comarca tesouros que dão para enriquecer o mundo todo. Está a foz deste rio, povoado pelas Amazonas, a dois graus e meio de altura 23.

Embora diferentes índios e índias, em diferentes latitudes, tenham declarado ter visto ou mesmo visitado as Amazonas em seu habitat, apenas a expedição de Orellana enfrentou um pequenino bando delas, vendo-as face a face. Foi por ocasião da batalha contra os índios da foz do rio Jamundá, conforme há pouco relatamos. Diz o dominicano Carvajal que eram 10 ou 12 mulheres guerreiras que vieram ajudar os nativos na sua peleja. "A estas nos as vimos, que andavam combatendo diante de todos os índios como capitães, e lutavam tão corajosamente que os índios não ousavam mostrar as costas, e ao que fugia diante de nos, elas o matavam a paulada. Eis a razão por que os índios tanto se defendiam". Ao fim da peleja, entre os muitos mortos, encontraram os espa-

nhóis 7 ou 8 dessas guerreiras. Eis como as retrata o frade cronista: "São muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas a pêlo, tapadas em suas vergonhas; com os seus arcos e flechas na mão fazem tanta guerra como dez índios." Eram, portanto, mulheres superdotadas fisicamente, tanto no tamanho dos membros como na robustez: "Em verdade, houve uma destas mulheres que meteu um palmo de flecha por um dos bergantins, e as outras, um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porcos espinhos..."<sup>24</sup>

Assim sendo, segundo testemunho de Frei Carvajal, os soldados do Capitão Orellana quando menos, viram com seus próprios olhos 10 ou 12 guerreiras, que tanto eles, quanto os índios seus contrários identificaram como sendo as "grandes senhoras" ou coniuquiara, tendo posteriormente encontrado no campo de batalha, 7 ou 8 delas, sem vida. Palavra de sacerdote!

Resta-nos a indagação: seriam de fato as tais guerreiras da foz do rio Jacundá as supostas Amazonas das serras de Yacamiaba?

A meu ver, urge desembaraçar dois equívocos etnohistóricos divulgados ao longo dos séculos passados, que seriam os responsáveis pela manutenção tão constante e quase universal, dentro do continente sul-americano, da lenda destas ilustres e indômitas senhoras. Trata-se da confusão das supostas coniuquiara com as chamadas "virgens do sol" dos Andes ou sua associação com as guerreiras lésbicas de inúmeras tribos ameríndias - estas sim, perfeitamente documentadas pela historiografia.

### 3. Acllacuna: as Virgens do Sol

#### 4. *"Nenhuma instituição incaica excitou tanto a curiosidade dos estudiosos como as Virgens do Sol" (Métraux, 1961:130).*

- O culto ao sol era o centro devocional da religião dos incas, estando em Cuzco ("o em-bigo do mundo") seu grande templo, o fabuloso Coricancha, edifício suntuoso com dimensões impressionantes e indescritíveis riquezas em ouro, transformadas depois pelos conquistadores em igreja de São Domingos - da mesma Ordem Religiosa do citado Frei Carvajal. Na hierarquia eclesiástica incaica, ocupava o lugar de primeiro destaque o grande sacerdote do sol, o Vilca-Oma, sempre um parente próximo do Inca, seu irmão ou tio, coadjuvado por grande séquito de clérigos e "Virgens do Sol". De acordo com os primeiros cronistas do Peru, só em Cuzco existiam de três a quatro mil dessas sacerdotisas. Seu nome acllacuna significava simplesmente "mulheres escolhidas": eram recrutadas entre as mais belas e nobres donzelas do Império incaico, escolha efetuada através de funcionários especiais que percorriam todas as comunidades com este objetivo. Até então as eleitas eram enclausuradas em certos estabelecimentos comunitários até o momento em que o Inca, ou seu representante, decidia que sorte dar a cada donzela. Algumas se tornavam concubinas do Imperador, outras eram distribuídas entre os altos funcionários do Estado, um pequeno número ficava reservado para os sacrifícios humanos e as demais eram consagradas ao culto de Intí. Nestes templos, as Virgens do Sol preparavam alimentos cerimoniais, sobretudo a chicha,

consumida abundantemente nas celebrações litúrgicas. Segundo A. Metraux, às *aillacuna* formavam verdadeiros ateliers de onde saíam tecidos particularmente reputados pela sua excelente qualidade, os famosos *kunbi*, confeccionados com a mais delicada *la de vicunha*. Eram elas as tecelãs e costureiras das roupas usadas pelo Inca, por sua família, pelos *some*-sacerdotes, assim como aquelas destinadas aos sacrifícios rituais. Cada um desses "conventos" era governado por uma espécie de abadessa, a *mama-cuna*, considerada esposa do Deus-Inti.<sup>25</sup>

Tal instituição existia de forma semelhante também entre os astecas. A descrição que dela fizeram os primeiros cronistas espanhóis foi fortemente calcada no conhecido modelo das vestais romanas - as sacerdotisas da deusa Vesta - também elas obrigadas a conservação da virgindade e a manutenção do fogo sagrado, símbolo dos deuses do lar. Os rituais e castigos as donzelas defloradas no Peru, repetem, *mutatis mutandis*, o mesmo cerimonial peculiar as vestais romanas: fenômeno idêntico ao que ocorreu com as Amazonas americanas, cujas versões dos cronistas são decalcadas na mitologia grega.

A descrição que nosso primeiro Cronista fez das mulheres guerreiras do Novo Mundo, conforme veremos a seguir, parece que teve como modelo inspirador muito mais próximo as conhecidas Virgens do Sol do Peru, do que supostas aldeias indígenas da floresta amazônica. Baseando-se sempre na informação prestada por um velho índio que disse ter conhecido pessoalmente as setenta aldeias das Amazonas, Frei Gaspar de Carvajal transcreve inúmeros detalhes que imediatamente nos fazem recordar das comunidades das vestais peruanas: "Disse mais, o dito índio, que entre todas estas mulheres há uma senhora que domina e tem todas as demais debaixo de sua mão e jurisdição, a qual senhora se chama *Conhori*. Disse que há imensa riqueza de ouro e prata, e todas as senhoras principais possuem um serviço todo de ouro ou prata, e que as mulheres plebéias se servem em vasilhas de pau, exceto as que vão ao fogo, que são de barro. Disse que na capital e principal cidade, onde reside à senhora, há cinco casas muito grandes que são adoratórios e casas dedicadas ao sol, as quais são por elas chamadas *caranal*, e que estas casas são assoalhadas no solo e até meia altura e que os tetos são forrados de pinturas de diversas cores, que nestas casas têm elas ídolos de ouro e prata em figura de mulheres, e muitos objetos de ouro e prata para o serviço do sol. Andam vestidas de finíssima roupa de lã, porque há nessa terra muitas ovelhas das do Peru. Seu trajar é formado por umas mantas apertadas nos peitos para baixo, o busto coberto com um manto, atado adiante por uns cordões. Trazem os cabelos soltos até o chão e posta na cabeça, a coroas de ouro, da largura de dois dedos."

Obviamente que a descrição da cultura material destas aldeias não corresponde de forma alguma à ergologia das tribos da floresta amazônica<sup>27</sup>, posto que desconhecemos casas de pedra assoalhadas, metalurgia de ouro e prata, tecidos finos de lã de "ovelhas do Peru" (*vicunhas*, *lhamas* e *alpacas*). Por mais fantasiosos que pareçam muitos detalhes do cronista, como as grossas coroas de ouro, ou as baixelas de metal precioso, tais elementos ergológicos pertencem claramente ao complexo cultural incaico e nunca as tribos coletor-caçadoras amazônicas. As terras frias e altas, com pouca lenha, onde moravam as tais mulheres ilustres, os grandes e altíssimos morros e serros onde se situava a capital das belicosas *coniuquiara* evocam claramente a ecologia do anti-piano andino em vez da paisagem plana e tropical da *hiléia* amazônica.

A meu ver, portanto, o que ocorreu foi uma fusão ou amálgama na tradição oral de vários povos indígenas do norte da América do Sul. A realidade narrada por alguns desses índios que provavelmente chegaram de fato a conhecer ou ter notícia de certos "conventos de virgens do sol", como por exemplo, Machu-Picchu, nas franjas orientais da floresta amazônica -, transmitida e modificada ao longo de gerações, incorporou-se a outra realidade, também histórica, a saber, a existência de mulheres guerreiras em diversas tribos do Novo Mundo. Ambos os grupos eram constituídos por índias solteiras e objeto de grande curiosidade por parte das sociedades patriarcais que as abrigavam ou que delas eram vizinhas. Associação, aliás, que parece ter-se cristalizado, sobretudo nas áreas circunvizinhas ou tributárias do Império do Sol, pois no Sertão da Bahia, conforme relatamos anteriormente, as Amazonas apontadas como inimigas do Ubirajara nada tinham a ver com as adoradoras de Inti. Contrariamente, na memória oral dos nativos do Chile, nas franjas meridionais do Império Incaico, as súditas da rainha Guaboymilla viviam num verdadeiro "el dorado", cercadas de muito ouro e de ricos tecidos por elas fabricados - exatamente como as aillacuna dos templos do sol.

Destarte, no fabulário de certos grupos aborígenes da floresta amazônica, entre os séculos XVI e XIX, as mulheres guerreiras - reais - como as que foram mortas pela expedição de Orellana, e que não passavam de viragos de tribos vizinhas engajadas em certas operações de guerra de tribos aliadas, eram identificadas como pertencentes à misteriosa tribo das Amazonas, tidas como residindo em localidades distantes e possuidoras de inúmeros traços culturais semelhantes as das Virgens do Sol. Encontrando-as no campo de batalha, os espanhóis divulgaram a versão de seus informantes índios, ambos ignorantes do habitat originário das tais índias guerreiras abatidas na peleja. Conhecedores da mitologia grega, nossos primeiros cronistas logo associaram a presença de mulheres armadas de arco e flecha as legendárias Amazonas da Capadócia, do mesmo modo como, no México e Peru, se serviram do modelo das vestais romanas para descrever as virgens do deus Inti.

##### 5. Çacoaimbeguira: as machões Tupinambá

*"São os Tupinambá tão luxuriosos, que não há pecado de sensualidade que não cometam." (G. Soares de Sousa, 1587:308)*

A inversão sexual tem sido fartamente documentada para todos os continentes e em todos os períodos da história, 28 havendo mesmo cientistas que defendam ser o travestismo e a homossexualidade fenômenos tão universais quanto o tabu do incesto. 29

Por inversão, termo cunhado em 1878 por Arrigo Tomassia, entendemos a reversão do papel de gênero (gender role reversal), podendo incluir o travestismo (cross-dressing), a adoção de papéis sócio-econômicos do sexo oposto, assim como, geralmente, conduta homoerótica.<sup>30</sup> Embora muito mais documentada para o gênero masculino, 31 dispomos de uma dezena de informações a respeito da inversão feminina entre os nativos da América do Sul e do Norte?

assunto ainda pouco aprofundado, infelizmente, entre os pesquisadores e pesquisadoras tupiniquins.

Começamos com um tipo de inversão ocasional na divisão sexual do trabalho que aparentemente não implica em prática da homossexualidade. É o caso descrito por Lévi-Strauss, das "mulheres secundárias" do chefe Nambiquara, "que não obedecem as regras da divisão sexual do trabalho, mas tomam indiferentemente parte nas ocupações masculinas e femininas. No campo desdenham os trabalhos domésticos e permanecem ociosas, ora brincando com as crianças, ora acariciando o marido, enquanto a primeira mulher trabalha no lar e cozinha. Essas moças de comportamento masculinizado, escolhidas entre as mais belas e as mais sãs do grupo, acompanham o chefe quando partem em expedição de caça ou de exploração, ou para qualquer outra empresa masculina."<sup>33</sup> Apesar de executarem ocasionalmente trabalhos ou funções privativas dos homens, e revelarem "comportamento masculinizado", estas jovens nambiquara, pelo visto, tinham orientação heterossexual exclusiva, revelada não só pelo casamento, como pela troca de carícias e comportamentos eróticos vis-à-vis seu marido polígamo. Como Lévi-Strauss nunca se destacou, ao contra-rio de Malinowski, pela profundidade na observação e análise da conduta sexual dos nativos, talvez estejamos em face de uma imprecisão etnográfica mais do que na constatação da inexistência de contactos unissexuais entre as concubinas deste cacique.

Também entre os Guaicurus e Guanás do Mato Grosso, certas mulheres costumavam acompanhar os homens nas suas expedições guerreiras, ou razzias, provocando muitas delas abortos quando grávidas, a fim de terem maior liberdade nas correrias mato adentro. Como desde o século XVIII se sabe que a inversão masculina era fortemente institucionalizada nestas culturas guarani, talvez também ocorresse o mesmo mecanismo com o sexo feminino<sup>34</sup>

Inversão plena, de tempo integral, foi observada em ambos os sexos nas Aldeias tupinambás' desde os primórdios da colonização. É Pero Magalhães Gandavo quem nos dá, de primeira mão, informações sobre esse fenômeno, já em 1576: "Algumas índias há que também entre os tupinambás determinam de ser castas, as quais não conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem o consentirão ainda que por isso as matem. Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios, como se não fossem fêmeas. Trazem os cabelos cortados da mesma maneira que os machos, e vão a guerra com seus arcos e flechas, a caça, perseverando sempre na companhia dos homens, e cada uma tem mulher que a serve, com quem diz que é casada, e assim se comunicam e conservam como marido e mulher."<sup>35</sup>

Não contente com descrição tão minuciosa e inequívoca, o mesmo cronista repete-a quase *ipsis verbis* no Tratado Segundo das Cousas do Brasil, sugerindo assim ser o lesbianismo, conduta bastante generalizada na Terra dos Papagaios: "Algumas índias se acham nestas partes que juram e prometem castidade, e assim não casam nem conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem o consentirão, ainda que por isso as matem. Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios como se não fossem mulheres, e cortam seus cabelos da mesma forma que os machos trazem, e vão a guerra com seu arco e flechas, e a caça, a: enfim, andam sempre em companhia dos homens, e cada uma tem mulher que a serve e que lhe faz de comer como se fossem casadas."

O "voto de castidade" referido pelo autor certamente teve como inspiração o celibato das ordens religiosas, mas que no caso destas viragos significava tão somente castidade do sexo oposto (heterofobia), pois luxuriosa como era a moral sexual tupinambá, seria uma aberração imaginar que estes pares de mulheres, "que se comunicam e conversam como marido e mulher", não chegassem a comunica ao e conversação erótica. Parafrazeando Francis Galton (1860), pode-riamos dizer: "They are Amazons, not Vestals!"<sup>37</sup>

Neste particular, concordamos com Florestan Fernandes quando defendeu que "a canalização dos sentimentos amorosos e eróticos em direção ao indivíduo do mesmo sexo, como forma de distensão emocional e satisfação sexual, ocorria também entre as mulheres tupinambás." <sup>38</sup> Discordamos, porém, quando este autor imagina que "esses desvios eram pouco freqüentes e em algumas situações, a sociedade tupinambá resolvia o problema eliminando as mulheres tríbades." Não localizamos nenhum cronista que noticiasse tal eliminação. Contestamos igualmente a hipótese da pouca freqüência do lesbianismo entre esses aborígenes: Pero Correia chega a dizer "há cá muitas mulheres que assim nas armas, como em todas as outras coisas, seguem o ofício de homens e tem outras mulheres com quem são casadas. A maior injúria que lhes podem fazer é chamá-las mulheres." Portanto, não eram poucas, mas "muitas", as tríbades.

Dispomos ainda de outra evidência que reforça nosso ponto de vista: no Vocabulário da Língua Brasília, de 1621, localizamos um termo específico para designar tais mulheres guerreiras, o que nos permite supor tratar-se de um tipo social tão comum e generalizado na costa brasileira, a ponto de merecer sua inclusão em nosso primeiro dicionário tupi, certamente a contragosto dos piedosos gramáticos jesuítas, que prefeririam não ter encontrado no Novo Mundo mulheres tão despudoradas, praticantes do "abominável pecado de sodomia". <sup>41</sup> Çacoimbaeguirá é o termo usado pelos Tupinambás para designar as índias lésbicas, referidas pelos inácianos como "machão que não conhece homem e tem mulher, e fala e peleja como homem". <sup>42</sup> O texto não podia ser mais explícito quanto a homossexualidade destas viragos: ter mulher equivale ao teúda e manteúda da linguagem jurídico-eclesiástica do português antigo, isto é, concubinato de fato, induzindo coabitação e parceria sexual. Para evitar dúvidas, logo a seguir vem incluído neste vocabulário outro étimo: "Machoa: a que não pare, maninha, estéril, infecunda: em Tupi cambeba, é peito chato." Portanto, çacoimbaeguirá, sinônimo de mulher com orientação sexual homoerótica e desempenho de papel de gênero masculino; cambeba, simplesmente, mulher estéril. As primeiras, uma opção pela esterilidade e pela inversão, as segundas, infecundas por natureza embora não necessariamente invertidas sexualmente.

Por conseguinte, não há dúvida que as çacoimbaeguirá eram invertidas não apenas no papel de gênero, mas também na orientação sexual, aliás, identicamente ao observado entre seus conterrâneos tibira, termo usado do Maranhão ate a Bahia para designar, entre os tupinambás, os homossexuais masculinos, também eles praticantes da homofilia e invertidos no falar, nos adornos e nas ocupações quotidianas, alguns vivendo casados com outros índios, "outros tendo pelo sertão tenda pública a quantos os querem como mulheres públicas. <sup>43</sup> Tanto na América Central, como na do Norte, há farta documentação relativamente aos berdaches, uma espécie de travestis masculinos que em sua maioria também eram amantes da unissexualidade.<sup>44</sup> Salvo erro, o termo berdache, de

origem pérsica, hoje consagrado nos estudos antropológicos, foi empregado pela primeira vez para caracterizar os homossexuais ameríndios por A. Thevet, em 1575, exatamente para descrever os tibirá tupinambá.

As evidências históricas e antropológicas nos levam a crer que a homossexualidade feminina era muito mais praticada entre as tribos ameríndias, do que se supõe, tanto que já em 1613, no livro Confessional Frei Francisco Pareja, missionário franciscano entre os índios Timu-cuan de Porto Rico (1595-1616), recomendava a seguinte pergunta aos sacerdotes quando confessassem as nativas: "Mujer con mujer, has tenido acto como si fuera hombre?"<sup>46</sup> Onde ha fumaija, costuma haver fogo...

A documentação inquisitorial permite-nos afirmar, sem sombra de dúvida, que o tribadismo era praticado não apenas nas selvas, pelas çacoaimbaeguirá, mas também por índias e mamelucas servindo nas casas dos primeiros colonizadores da Bahia e Pernambuco. Na primeira Visita ao do Santo Ofício a Salvador (1591-1592), por exemplo, há dois episódios envolvendo meninas mamelucas, sendo súcubas em relatos lésbicas: a primeira, Guiomar Pinheira, declarou em 17 de Janeiro de 1592 que era natural de Ilhéus, filha de uma brasila com um branco (provavelmente descendente dos Aimorés). Disse que quando menina, em dois dias diferentes, uma sua tia "lhe levantou a camisa e arregaçando assim suas fraldas, se pôs por encima dela, e ajuntando seu vaso natural com o vaso natural dela, fez com ela como se fora homem com mulher, tendo deleitação por espaço de tempo." 17 Outra mameluca, Isabel Marquez, natural de Salvador, filha do Cônego Diogo Marques com sua índia, confessou que pelos seus 10 anos de idade, manteve relação sexual com Caterina Barbosa, de 14-15 anos, "e chegaram ao torpe ajuntamento de seus vasos dianteiros como se fora homem com mulher."<sup>48</sup>

Em Pernambuco há registro de duas índias tribades denunciadas ao Santo Ofício da Inquisição: quem delata e a mameluca Maria de Azevedo. Diz que "entrando por uma câmara da fazenda onde moravam, viu estar no chão, detrás de porta, deitada de costa, uma negra brasila chamada Vitória, que ora e escrava dela denunciante, e sobre ela deitada com as fraldas levantadas Maria de Lucena, mameluca, 30 anos, solteira, fazendo como se fora homem com mulher o pecado de sodomia, e logo que a viram se ergueram e lhe rogaram que se calasse."<sup>49</sup> Contaram mais, que a tal mameluca Lucena foi posteriormente "lançada de casa por que fora achada fazendo o pecado nefando com outra brasila chamada Margayda, ladina." Relação, aliás, confirmada ex visu por outra nativa do Sertão de Pernambuco, Monica, que declarou tê-las visto "ambas tendo ajuntamento carnal."<sup>50</sup>

Assim sendo, fica documentada a prática da inversão sexual e da homossexualidade não apenas entre as "brasíliãs" vivendo em situação tribal, mas também entre mamelucas e escravas brasílicas, agora nos novos espaços dominados pelos colonizadores brancos. Lastimavelmente a documentação não explicita se tais índias e mamelucas cristianizadas, eram virilizadas ou não como suas ancestrais çacoaimbaeguirá: outra omissão é quanto às esposas destas viragos tribais, se ostentavam conduta "normal" ou desviante dos padrões nativos de feminilidade. Como desde 1646 o Tribunal do Santo Ofício rebaixou a homossexualidade feminina da condição de "crime de sodomia" para tão simplesmente "pecado contra a castidade", deixaram os juízes inquisitoriais de

perseguir e processar as praticantes desta variável erótica, perdendo os historiadores, a partir de então, fontes documentais sobre esta conduta libidinosa que, sendo descriminalizada, deve ter sido praticada por maior número de adeptas.

6. Contemporaneamente, constatou os Antropólogos a prática do lesbianismo entre os seguintes grupos tribais do Brasil: Yanoama, Melinaku, Cubeo, Tucano. 52 Para os indígenas da América do Norte dispomos de maior número de relatos etnográficos sobre esta particularidade da vida sexual feminina: já em 1711, William Robertson emite a opinião de que também nesta parte do Novo Mundo existia amazonas, e em 1811, entre os índios Kutenai, de Montana Ocidental, documenta-se a presença de uma famosa berdache feminina, que exerceu as atividades de correio, guia profeta, guerreira e mediadora da paz dentro e fora de sua aldeia. De porte gigantesco e temperamento agressivo, Ququnok Patke vivia casada com outra índia, e segundo tradição tribal, usava um falo artificial de couro- alias, prática rara mas também documentada pelos Inquisidores em seus processos contra as lesbianas do Brasil.

A antropóloga Evelyn Blackwood localizou na literatura etnográfica trinta e três referências a presença de inversão sexual (cross gender female) entre os aborígenes norte americanos, sendo mais comum entre os nativos da Califórnia, no Sudoeste e Noroeste, na Grande Bacia, embora também praticada pelas tribos da região sub-ártica e das Planícies setentrionais<sup>53</sup>

Também no universo das representações simbólicas, há referenda ao lesbianismo entre populações ameríndias: Robert Lowie em 1907, no seu ensaio sobre os nativos Assiniboine, relata um mito onde a esposa de um índio seduz e foge com sua cunhada.<sup>54</sup> Na década de 30, numa monografia consagrada aos índios Klamath, Leslie Spier refere-se a várias mulheres desta tribo praticantes do "amor que não ousa dizer o nome", algumas adotando inclusive roupas e adereços masculinos, unindo-se maritalmente com suas eleitas, falando com voz masculina e se apresentando como homem. Sawalínaa era o nome como os Klamath designavam os casamentos desta cacóimbaeguir do Norte.

Também Daryll Forde, mais conhecido por seus trabalhos consagrados à ergologia e economia tribais, refere-se a female inverts e casual secret homosexuality entre as nativas Yuma, onde as lesbicas eram chamadas de kwerhame. Explicavam os nativos que tais invertidas diziam ter sofrido uma mudança de espírito como resultado de sonhos ocorridos na puberdade, embora desde pequeninas as kwerhame já costumassem praticar exclusivamente folguedos masculinos. E completa Forde: "Tais mulheres nunca menstruam, e suas características sexuais secundárias são subdesenvolvidas ou em certas instancias, masculinas." <sup>56</sup>

Outras mulheres travestis foram encontradas entre os Cocopa do Far West, que as denominavam com termo bem próximo ao usado pelos Yuma: warhameh. Manifestavam essas berdaches propensão para condutas masculinizadas "brincando só com meninos, confeccionando arcos e flechas, caçando pássaros e coelhos. O que elas desejam é tornarem-se homens. Penteiam-se como homens, furam o nariz, são musculosas, lutam como varões. Casam-se com outras mulheres e estabelecem um lar como se fossem homens."<sup>57</sup>

Mais recentemente, na mais completa etnografia consagrada aos índios Kaska, há também informações sobre a homossexualidade feminina: "As mulheres homossexuais simulam a có-

pula colocando-se uma em cima da outra. Frequentemente são travestis. Algumas vezes, quando um casal tem muitas filhas e deseja um filho que lhes traga caça, a na velhice, selecionam uma filha para viver como homem. Por volta dos cinco anos, seus pais prendem o ovário seco de uma gazela dentro de seu cinto interior. Ela deve usar este amuleto pelo resto de sua vida a fim de evitar a concepção. A partir de então, será socializada como varão: será vestida com trajes masculinos, desempenhará tarefas de homem, geralmente desenvolvendo grande fortaleza e tornando-se excepcional caçador. Ela gritaria e quebraria o arco e flechas de qualquer rapaz que tentasse manter relações sexuais consigo. Aparentemente tais mulheres mantêm relações homossexuais. “Duas delas atingem o orgasmo através da fricção clitoriana.” 58

Ainda para a América do Norte, registra os etnohistoriadores outro caso fantástico de lesbianismo ocorrido nos meados do século XIX: trata-se de uma índia Mohave da Califórnia, de nome Sahaykwisa, estudada em detalhe pelo psiquiatra freudiano George Devereux. Vivendo sempre travestida de homem, tendo várias esposas, destacando-se nas artes marciais e obtendo sucesso tanto na lavoura e caça, quanto no xamanismo, esta índia virago foi considerada um caso típico do que os sexólogos chamavam de "inversão masculiniforme".

Em seu recente livro sobre a diversidade sexual entre os índios americanos, Walter Williams consagra todo um capítulo à variação de gênero entre as mulheres nativas, referindo-se inclusive a casos recentes de lesbianismo e/ou travestismo encontrado nos Zapotec do sul do México, Mohawk e Navajo. Cita mesmo depoimentos de índias pertencentes ao Movimento Lesbico que proclamam: "Como índias gays nós sentimos a mesma conexão com nossas ancestrais Amazonas.<sup>29</sup>

Tais exemplos, longe de serem exaustivos, permitem-nos vislumbrar algumas manifestações e variantes do processo de socialização, performance social e preferências eróticas das invertidas da América do Norte, que em muitos aspectos evocam comportamentos similares aos observados entre as Tupinambá em suas aldeias ou nas fazendas dos brancos, a época da Inquisição. Se também nossas çacoaimbaegulra eram submetidas a ritos de iniciação e processos de internalização da inversão como as suas congêneres kwerhame norte-americanas, ou como explicavam nossas nativas os fenômenos da inversão, etc., lastimavelmente são informações que nossos cronistas omitiram, e que nossos atuais antropólogos, em sua maior parte do sexo masculino, não tiveram a sensibilidade de registrar. Em comum, as Amazonas do Norte e do Sul apresentam o mesmo aspecto masculinizado tanto na aparência física (voz, musculatura, corte do cabelo, roupas e adereços viris), quanto na adoção de tarefas consideradas apanágio do "sexo forte", notadamente a caça e a guerra, incluindo a posse de outras mulheres, nalgumas culturas institucionalizadas através de rituais de matrimônio. 60 A reação das tribades da etnia Kaska, quebrando as armas dos índios mais ousados, e das viragos Tupinambá, que não consentiam intimidades de homem algum de nenhuma qualidade, preferindo serem mortas a submeter-se a heterossexualidade, demonstram graus diferentes no continuum da aversão a sexualidade heterogênea, condutas que certamente deviam ser inspiradas muito mais por tabus de ordem sobrenatural, do que espontânea manifestação de heterofobia.

## Conclusão

Já desde o século XVI há quem tenha chamado a atenção para a confusa associação feita por certos cronistas entre as índias guerreiras reais, as nossas çacoibaqueira com as imaginadas Amazonas. Francisco Lopez de Gomara, na sua História de General de las Indias ao criticar o relato do Frei Carvajal, ponderava: "Entre os disparates que disse aquele cronista, o maior foi afirmar que havia Amazonas neste rio, com as quais lutaram ele e os seus companheiros. Que as mulheres, ali andem com armas e pelejem não e muito, pois em Paria, que não e muito longe, e em outras partes das Índias, era esse o seu costume."61

Levi-Strauss compartilha da mesma opinião do crítico quinhentista: "Não e improvável que o costume de certas mulheres de uma classe especial um tanto dissolutas (sic) e com funções auxiliares, não se casavam, mas sim acompanhavam os homens na guerra, tenha dado origem à lenda das Amazonas."62

Embora considere lendária a existência na Amazônia de uma sociedade civil constituída apenas por mulheres (ginocracia), concordo com Darci Ribeiro quando escreveu: "Um povo-mulher que nem elas, sem homens próprios, se servindo de estrangeiros como reprodutores, é plausível e até praticável. Um povo só de machos não." 63 E num fantasioso e divertido exercício de etnohistória, o mesmo autor confere às legendárias cunhapuiaras a condição de fundadoras em Icamiba do paradisíaco "matriarcado perdido". Repetimos: mera especulação, posto faltar material empírico para sua comprovação. Trata-se de um teorema simpático, porém tão plausível quanto os poderes de Tupã ou da Mãe das águas.

Apesar de abundante bibliografia comprovar cabalmente a universalidade da inversão sexual, tanto geográfica, quanto historicamente - e diversas Ciências atestarem ser a homossexualidade comportamento tão "natural" 64, saudável e legítimo quanto o heterossexualismo, notamos ainda hoje grande timidez, quando não hostilidade e preconceito entre os Antropólogos, em estudar o "amor maldito" dos tibira, cudinho e kyrypy-meno, nomes como eram chamados os homossexuais entre os Tupinambá, Guaicuru e Nambiquara, respectivamente. 65 Desinformação e preconceito que não poucas vezes tem levado a graves discriminações por parte dos estudiosos, missionários e indianistas, que interpretam o homoerotismo indígena ou dos mestiços, como malsã influência dos brancos ou seqüela indesejada do contacto interétnico. A documentação abundante dos etnohistoriadores parece dar razão ao insight de Goeth, quando disse ser "a homossexualidade tão antiga quanto a própria humanidade". 66

A existência nos Estados Unidos, desde 1975, da associação Gay American Indians, tendo como uma das mais dinâmicas exponentes a lésbica Barbara Cameron, da nação Lakota (Sioux), e a presença de antropólogos indígenas, gays assumidos, como Maurice Kenny, nação Mohawk, autor de *An Historical Study in Indian Homosexuality*,67 são prenúncios significativos de uma nova era onde os próprios atores, os índios e índias homossexuais, passam a defender com novas armas, o direito a exercerem uma sexualidade diversa e que em muitas culturas tribais era aceita, valorizada quando não divinizada.

Mitológicas ou não, mulheres guerreiras surgem em diversas sociedades do Velho e Novo Mundo, como se fossem um grito de protesto e miragem de uma reversão da ordem sócio-sexual contrária ao sistema patriarcal dominante, onde a flecha, a borduna e as flautas cerimoniais são ao mesmo tempo símbolo, suporte e garantia do patriarcado falocrático. Todas as citadas "Grandes Senhoras", no entanto, são criações do mundo masculino: as vestais peruanas eram privadas de sua autonomia existencial, conservando intacta a virgindade himenal para o super-es-posito Inti, muito embora provavelmente praticassem o tribadismo intramuros, tal qual foi farta-mente documentado para as virgens dos mosteiros católicos desde a Idade Média até nossos dias.<sup>69</sup> As Amazonas descritas pelos cronistas Luso-espanhóis situar-se-iam no número 2 da famosa "Escala de Kinsey", a saber, "homossexualidade dominante com heterossexualidade ocasional",<sup>70</sup> pois conjecturamos que durante o ano inteiro, quando não havia "procriadores" em suas aldeias, na qualidade de comunidade monossexual fortemente marcada pela heterofobia, com muita probabilidade deveriam tais mulheres guerreiras extravasar sua libido umas com as outras, tal qual ocorre hodiernamente entre as mulheres militares. <sup>71</sup> Por último, as machudas de diversas tribos ameríndias podem ser perfeitamente associadas às contemporâneas radical lesbians,<sup>12</sup> pois como invertidas, adotavam completamente o papel do gênero masculino, dos homens faltando-lhes tão somente o sexo fisiológico.

Embora tenhamos a obrigação de reconhecer o direito de cada um desses modelos de vivência do papel de gênero de se perpetuarem - posto que, mesmo sendo alguns deles frutos da imposição ideológica machista, certamente foram adotados com satisfação por parte de algumas "filhas de Eva" - não resta dúvida que esses três estilos de vida supra sumarizados podem ser identificados como resultantes de um mesmo complexo de valores que considera os sexos não como complementares, mas incorrigivelmente antagônicos e necessariamente hierarquizador de opressores e oprimidos. Os três modelos são fruto de um mesmo sistema patriarcal e falocrático onde o macho mantém o poder através do monopólio da violência: as vestais peruanas eram privadas do direito ao prazer, fazendo-se sacerdotisa e vítimas do culto himenolátrico; as Amazonas isolavam-se em comunidades monossexuais, adotando as armas e maneiras do sexo forte, copiando dos homens o modelo de organização social onde as rainhas comiam em baixelas de ouro e as plebéias em tigelas de madeira; as machudas tupinambá idênticamente, repetiam a tradicional dicotomia marido-mulher, tendo esposas que as serviam e lhes faziam de comer, mantendo a mesma divisão sexual de trabalho onde a esposa compete a dupla Jornada de coletora e escrava doméstica.

Assim sendo, estes três paradigmas de sexualidade feminina podem ser interpretados como fruto e espelho do cruel modelo patriarcal, que carrega em seu bojo a maior parte dos valores negativos de opressão e violência que a moderna "revolução sexual" e os códigos internacionais de direitos humanos questionam e propõem substituir por novos valores onde a sexualidade seja acima de tudo fonte de vida e prazer, não mais campo de batalha entre o sexo forte e o sexo frágil.

## Notas

1. Pesquisar sobre as Amazonas do Velho Mundo na Bahia & certamente mais problemático do que encontrar na Grecia livros sobre os Orixas, daf, lastimavelmente, nos dispormos de bibliografia mais sofisticada e atual sobre esse lema. Ba-seamo-nos sobretudo nas seguintes fontes:  
The Oxford English Dictionary, Oxford, Clarendon Press, 1933  
Grand Dictionnaire Universel, P. Larrousse, Paris, s/d  
Grande Enciclop&iia Portuguesa e Brasileira, Lisboa, Editora Endclop&edia, s/d  
Diccionario del Mundo Clasico, Barcelona, Ed. Labor, 1954  
Diccionario Enciclopedico UTHEA, Mexico, 1956  
Enciclopedia Catolica, Firenze, Ed. Sansoni, 1948.
2. Bergmann, F. G.  
Les Amazones dans l'histoire et dans la fable. Colmar, 1853.  
Lacour, P.  
Les Amazones. Paris, 1901.
3. Kleissmann, M.  
Les Amazones dans l'Artet la Litterature Auiques. Paris, 1875.
4. Mott, Luiz  
0 Lesbianismo no Brasil. Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 1987.
5. Meagler, Maude  
The Green Scamander. Boston, H. Mifflin Ed. 1933.
6. Aelio :  
Varia Historia, L. VII, 8, apud Frias, A. N. Homosexualismo creador. Madrid, Javier Morata Editor, 1933:42.
7. Bergmann, op.cit.
8. Daremberg, C.  
Dictionnaire des Antiquilias Grecques et Romaines. Paris, Hachette, 1877.
9. Kleissmann, op. ciu
10. Vieira, Padre Antonio, S. I  
Sermao n° 9, p. 372, apud Moraes, Antonio, Diccionario da Lingua Portuguesa, Lisboa, 1' Edicao 1789.  
Il.SLAdolphe, Milliet  
Diccionario GeoGráfico, Histories e Descritivo do Brasil. Paris, Aillaud, 1845.
12. Kehoe, Monica  
Historical, Literary and Erotic Aspects of Lesbianis. New York, Haworth, 1986.  
Wysor, Bettie  
The Lesbian Myth. New York, Random House, 1974. . . .
13. Herkovitz, M.  
Dahomey: An Ancient West African Kingdom. Evanston, North-Western Univ. Press, 1967:90,-,•
14. Descobrimientos do Rio das Amazonas.  
Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1941.
15. Idem, p. 68.
16. Histoire Generate des Voyages. Paris, Didol Libraire, 1758, Livro 49, p. 257.
17. Sousa, Gabriel Soares  
Tratado Descritivo do Brasil em 1587. S. Paulo, Cia Editora Nacional, 1971:337 .
18. Santa Maria, Frei Agostinho.

- Santuario Mariano. (1722) Bahia, Imprensa Ofidal, 1949:162.
19. Descobrimentos do Rio das Amazonas, op. cit p. 266.
20. "Viagem de M. de la Condamine" (1743), in *Histoire Generale des Voyages*, op.cit. Uvio 53, p. 107.
21. Spix & Martius  
Viagem pelo Brasil. São Paulo, Editora Melhoramentos, s/d: 102.
22. Descobrimentos do Rio das Amazonas, op. cit p. 66.
23. Idem, op. cit. p. 267-268.
24. Idem, op. cit p. 61.
25. Metraux, Alfred  
Les Incas. Paris, Editions du Seuil, 1961.
- Tello, J. C.  
"Wira-Kocha", *Revisla Inca*, Lima, 1923.
- Jijon y Caamat, J.  
Religion del Império de los Incas. Quito, 1919.
- Latcharn, R. E.  
Crendas religiosas de los antiguos peruanos. Santiago, 1929,
26. Descobrimentos do Rio das Amazonas, op. cit p. 66-67.
27. Steward, Julian & Faron, L. C.  
Native Peoples of South America. New York, McGraw-Hill Book Co. 1959.
28. Ford, Clellan S. & Beach, F. A. .  
Patterns of sexual behavior. London, Eyre & Spottiswoode, 1952.
- Bullough, Vern L,  
Sexual Variance in Society and History. Chicago, The Univ. of Chicago Press, 1976.
29. Whitan, Frederick & Mathy, R. M.  
Male homosexuality in four societies. New York, Praeger, 1986.
30. Dynes, Wayne R.  
Homosexuality: A research guide. New York, Garland Publ. 1987.
30. Dynes, Wayne R.  
Homolexis: A historical and Cultural Lexicon of Homosexuality. New York, Gai Saber Monograph n° 4, 1985.
31. Requena, Antonio  
"Noticias y consideraciones sobre las anomalías sexuales as los aborígenes americanos: sodomia", *Acta Venezolana*, 1945, n° 1. vol. 1, p. 1-32.
- Murray, Stephen O.  
Male Homosexuality in Central and South America. New York, Gai Saber Monograph n° 5, 1987.
32. Depois de termos manuscrito este ensaio (Junho/1986), ao datilografá-lo, tivemos notícia de dois trabalhos relativos a mesma temática:  
Williams, Walter L.  
The Spirit and the Flesh: Sexual Diversity in American Indian Culture.  
Boston, Beacon Press, 1986.  
Pastie, Geneviève  
"Les Amazones entre histoire et mythe", *Colloque International "Homosexualité et Lesbianisme: Mythes, Mémoires et Historiographies"*, Sorbonne (Paris), Dezembro/1989.
33. Levi-Strauss, Claude

Tristes Trdpicos. S. Paulo, Anhembi, 1967:332-333.

34. "Os Guaicurus", Revista do Institute HisUSrico e Geografico Brasileiro, Tomo 13,1850, p. 350-359.

Rodrigues do Prado, Francisco

"Historia dos Indios Cavaleiros ou Nasio Guaicuru no ano de 1795", Revista do Institute Histdrico e Geografico

Brasileiro, 1839, n° 1, p. 32-33.

35. Gandavo, Pero Magalhaes

História da ProvfnCIA de Sanla Cruze Tratado da Terra do Brasil. São Paulo, Edilora Obelisco, 1964:56,

36. Idem, ibidem, p. 91.

37. Galton, Francis

Vacation tourists and notes of travel in I860, apud The Oxford English Dictionary.

38. Femandes, Florestan

Organizaf So Social dos Tupinarobi. São Paulo, Companhia Edilora National, São Paulo, 1963:160.

39. Pero Correia

Novas Cartas, p. 97, apud Femandes, op. tit. p. 160.

40. E digna de nota a diversidade na vivencia homossexual dos dois sexos na cultura Tupinamba', alias, fendmeno também ob-

servivel em muitas sociedades contemporaneas, onde os homossexuais masculinos revelam muito maior instabili-dade e fluidez dos lacos eróticos ("promiscuidade") do que as tribades, que optam preferencialmente por unifies esli-veis e monogimicas. Cf. Kinsey, Alfred et alii. Sexual Behavior in the Human Male. Philadelphia, W. B. Saunders Co,1948.

41. Motl, Luiz

"Pagode Portugues: A Subculture Gay em Portugal nos tempos inquisitoriais", Ctencia e Cultuia, n° 40, vol.2, feve-reiro 1988, p. 120-139.

42. Agradeço ao Prof. Arion Daligna Rodrigues a amdvel indicacao desta referenda. Vocabulirio da Lingua Brasflica (1621),

2'Edicao Boletim da FFCLUSP, n° 164, 1953.

43. Sousa, Gabriel Soares, op. cit. p. 308.

44. Dynes, W. R. op. cit, 1985:19.

45. Thevet, A.

Cbsmographie Universelle. Paris, 1575, tome 2, P 933, apud Claude Courouve, Vocabulaire de lliomosexualit\* masculine. Paris, Payot, 1985.

46. Pareja, Francisco

Confessional (1595-1616), apud Hatz, Jonathan. Gay American History, New York, Avon Books, 1976:432.

47. Primeira visitacao do Santo Offcio as Paries do Brasil, Confissoes da Bahia, (1591-1592), Rio de Janeiro, F. Briguier Edito-

res, 1935:95. Bellini, Ligia A Coisa Obscura: Mulher, Sodomia e Inquisição no Brasil Colonial. Editora Biasiliense, 1989.

48. Idem, ibidem, p. 160.

49. Primeira visitacao do Santo Offcio is Paries do Brasil, Denunciades e Confissoes de Pemambuco, 1593-1595, Recife, Fun-darte, 1984:37.

50. Idem, ibidem, p. 49.

51. Mott, Luiz

"Da Fogueira ao Fogo do Inferno: A descriminalização do lesbianismo em Portugal, 1646",  
Comunicação apresentada na International Conference on Lesbian and Gay History, Toronto, Canada,  
1985. Vainfas, Ronaldo.

O Tropico dos Pecados, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1989, 52.

52. Biocca, Ettore

- Yanoama: Dal racconlo di una donna rapita degli indi. Ban, Leonardo da Vinci, 1965:138.
- Gregor, Thomas
- Mehinaku: The drama of daily life in a Brazilian Indian village. Chicago, The Chicago University Press, 1977.
- Goldman, Irving
- The Cubeo Indians of Northwest Amazon. Urbana, Illinois Studies in Anthropology, n°2,1963:181.
- Reichel-Dolmatoff, Gerardo
- Amazon Cosmos: The sexual and religious symbolism of the Tukano Indians. Chicago, The University of Chicago Press, 1971:19.
- 53.Schaeffer, Claude.
- "The Kutenai female berdache: Courier, Guide, Prophetess and Warrior", Ethnohistory, vol. 12, n° 3,1965:193-236. Devereux, George
- "Mohave Ethnopsychiaty and Suicide", Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology Bulletin, 175, 1961, "Institutionalized Homosexuality of the Mohave Indians", Human Biology, vol. 9,1937:498-527.
54. Lowie, Robert
- "The Assiniboine", Anthropological Papers of the American Museum of Natural History, Part 1,1909:223.
55. Spier, Leslie
- "Klamath Ethnography", University of California Publications in American Archeology and Ethnology, vol. 27, 1930:51-53.
56. Forde, Daryll
- "Ethnography of the Yuma Indians", University of California Publications in American Archeology and Ethnology, v. 28,1931:157.
57. Gifford, E. W.
- "The Cocopa", University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, vol. 31,1933:294.
58. Honigmann, John
- "The Kaska indians: An Ethnographic Reconstruction", Yale University Publications in Anthropology, n° 51, 1964.129-130.
59. Williams, W. L. op. cit p. 251.
60. Idem, ibidem, p. 247.
61. Descobrimentos do Rio das Amazonas, op. cit p. 68.
62. Levi-Strauss, Claude
- "A Familia", in Shapiro, H. Homesn, Cultura e Sodedade, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1956:322.
63. Ribeiro, Darcy
- Utopia Selvagem. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1982:47. (Agradeco ao Prof. Rui Sim8es, a indicac,ao desta referenda).
64. Whilam, F. op. ciL A "naturalidade" da homossexualidade - rotulada desde a Idade m£dia pela Igreja Catilica de "pecado contra a natura" - i fartamente comprovada pela Zoologia. cf. Weinrich, James. "Is homosexuality biologically normal?", in William Paul (ed.), Homosexuality: Social, Psychological and Biological Issues, Beverly Hills, Sage, 1982:197:208; Gide, AndM. Corydon. Rio de Janeiro, Civilizac,ao Brasileira, 1957.
65. Molt, Luiz
- "Relações raciais entre homossexuais no Brasil Colonial", in Escravidao, Homossexualidado e

- Demonologia, São Paulo, Editora fcone, 1988:22-23.
- Frias, op. dL p. 266.
67. Kenny, Maurice.  
"Tinselled Bucks; An historical Study in Indian Homosexuality", Gay Sunshine, N° 236-237, Winter 1975-1976, p. 15-17.
68. Murray, Stephen O. op. cit
69. Grown, Judit  
Atos Impuros. A Vida de uma frein lesbica na Italia renascentisu. SSo Paulo, Editora Brasiliense, 1987.
70. Kinsey, A. op. cit.
71. Berube, Alan & John d'Emiio  
"The Military and Lesbians during the McCarthy Years", Sions.n0 9,1984:759-775. .
72. Daly, Mary .  
Gyn/Ecology: The Melaelhics of Radical Feminism. Boston, Beacon Press, 1978.:  
BibEiografia sobre as Amazonas não citada no texto:  
Guido, Angeio  
O Reino das Mulheres sem Lsi. Porto Alegre, Editora do Globo, 1937.  
Sampaio, Fernando G.  
As Amazonas: A Tribo das Mulheres Guerreiras. A Derrota do Matiiarcado pelos Filhos do Sol. São Paulo, Editora Aquarius, 1976.